

Os três erros de Saakachvili

Filipe Vasconcelos Romão . Universidade de Coimbra

Quando, no princípio de Agosto, o presidente da Geórgia, Mikhail Saakachvili, deu ordem às forças armadas do seu país para entrar na república separatista da Ossétia do Sul com o objectivo de assegurar a soberania efectiva do Estado sobre esta região, não estava à espera da resposta dada pela Federação Russa. Com efeito, só um conjunto de flagrantes erros de cálculo, por parte do presidente da Geórgia e das estruturas governamentais e burocráticas que o rodeiam, poderá justificar o facto de um pequeno Estado ter arriscado a sua integridade territorial efectiva para procurar reconquistar um espaço que, na prática, só muito dificilmente poderia controlar.

Qual o papel da Rússia contemporânea?

Em primeiro lugar, parece existir, nas autoridades da Geórgia, uma percepção errada a respeito do que é a Federação Russa em 2008. Correr o risco de reocupar a Ossétia do Sul poderia ter alguma lógica, caso a intervenção tivesse como pano de fundo as conjunturas internacional e russa de meados da década de 90 do século XX. Nesse momento, a Rússia passava por um período de crise política, económica, social e militar.

Com um governo liderado por um debilitado presidente Boris Yeltsin, uma guerra perdida no seu próprio território (Chechénia) e uma traumática transição do sistema soviético para uma economia de mercado liberalizada, os russos não tinham grande margem de manobra para dar resposta a problemas no exterior do seu território, mesmo quando estes ocorriam nas antigas repúblicas soviéticas. No entanto, a Rússia de 2008 conseguiu afastar-se desta espiral de decadência da década passada. Consciente de que não poderia regressar aos tempos em que Moscovo desempenhava a função de superpotência mundial, a maior das antigas repúblicas soviéticas aproveitou a bonança económica que se começou a fazer sentir nos últimos anos para reencontrar o seu papel como potência regional, no qual não está disposta a ceder um milímetro de poder.

O papel da energia

O crescimento económico que tem sustentado o reemergir da Rússia e o reposicionamento do seu papel político assenta, em grande parte, na exploração dos seus recursos energéticos naturais e na alta de preços que se vive nestes mercados. Assim, a energia passa a assumir uma relevância transcendental para a política da região: controlar os recursos e a sua distribuição é sinónimo de poder. Só assim se explicam as resistências levantadas por Moscovo em relação a um oleoduto que foge ao seu controlo político e económico.

O *pipeline* Baku-Tiflis-Ceyhan, que atravessa o território da Geórgia e transporta crude do Mar Cáspio ao Mar Mediterrâneo, tem sido um dos símbolos da independência de Tbilissi e do seu alinhamento com os interesses públicos e privados ocidentais. O segundo grande erro de Saakachvili parece ter sido não perceber que qualquer pretexto serviria a Moscovo para lançar um sério alerta na região, aproximando-se de uma rota sobre a qual, antes, não tinha qualquer tipo de controlo. Por questões de sobrevivência enquanto potência, a defesa da posição russa no mapa energético da região acaba por ser tão importante como a defesa do seu próprio território geográfico.

A posição do ocidente

O terceiro, e último, erro de Saakachvili é também o mais grosseiro: a crença de que o bom relacionamento cultivado com os norte-americanos e com os europeus iria funcionar como elemento dissuasor de uma resposta militar russa. Como plano de contingência, é bem provável que o presidente da Geórgia tenha mesmo chegado a pensar que, em caso de resposta russa, o apoio ocidental não se limitasse à mera retórica. No entanto, como se viu, isto não só não aconteceu, como levantou sérios problemas à potencial integração da Geórgia na NATO e na União Europeia. Estará a aliança militar liderada pelos Estados Unidos disposta a ter no seu seio um membro militarmente tão vulnerável a Moscovo? Que consequências poderiam advir de um conflito militar entre um membro de pleno direito da NATO e a Rússia?

Saakachvili parece, assim, com os seus erros flagrantes, ter aberto uma larga auto-estrada para alguns objectivos que a Rússia há muito tempo procurava alcançar: dificultar a entrada da Geórgia na NATO; aproximar-se de uma rota energética que

não dominava; e, principalmente, obter uma vitória militar rápida e eficiente, sem recurso aos banhos de sangue da Chechénia. Com efeito, a Federação Russa acaba por obter uma vitória que há muito lhe escapava, o que acabará por alterar as percepções dos seus vizinhos a seu respeito. Restará alguma dúvida acerca do seu potencial de acção em relação às suas antigas congéneres soviéticas?